

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB- H /00682012
NATUREZA E COMPLEXIDADE EM THIAGO DE MELLO

Bolsista: Ingrid Karina Morales Pinilla, UFAM

MANAUS
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB- H /00682012
NATUREZA E COMPLEXIDADE EM THIAGO DE MELLO

Bolsista: Ingrid Karina Morales Pinilla, UFAM
Orientadora: Profa. MSc. Cássia Maria Bezerra do Nascimento

MANAUS
2013

NATUREZA E COMPLEXIDADE EM THIAGO DE MELLO

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa Linguagens, Mídia e Moda (MIMO). Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa Linguagens, Mídia e Moda (MIMO).

INGRID KARINA MORALES PINILLA
BOLSISTA

CÁSSIA MARIA BEZERRA DO NASCIMENTO
ORIENTADORA

Agradecimentos

À minha orientadora, a professora MSc. Cássia Maria Bezerra do Nascimento, por sua dedicação, apoio incondicional e incentivo constante.

Ao meu amigo Joel Leite, bolsista FAPEAM do PIBIC no segundo período de 2012, por possibilitar minha participação neste projeto.

Ao meu esposo Heberton de Castro e a toda minha família, por sua compreensão e apoio.

Aos professores que compõem a banca examinadora dos trabalhos de Iniciação Científica, por sua boa disposição e observações indispensáveis para o sucesso de nosso projeto.

Aos funcionários do Departamento de Apoio à Pesquisa por sua ajuda e gentileza.

À Universidade Federal do Amazonas, financiadora de nosso projeto, pela grande oportunidade.

Resumo

Propõe-se investigar a temática natureza e sua complexidade na produção *Amazonas, Pátria da Água* de Thiago de Mello por se tratar de assunto relevante, nos debates mundiais, as dimensões catastróficas da relação exploração x preservação. Duas etapas são importantes na análise da produção literária de Thiago de Mello: a primeira delas diz respeito à questão natureza, na qual a preservação da Amazônia e do mundo é essencial em seus poemas; a segunda diz respeito à complexidade, no viver e estar vivo, no diálogo entre homem e natureza. Foram analisados os trechos representativos na obra já citada de Thiago de Mello que evidenciam a temática natureza na poesia e prosa poética e a complexidade amazônica que nelas pode ser percebida, usando para este fim como recurso a aproximação com a obra *O Complexo da Amazônia* de Djalma Batista. Escolheu-se uma fundamentação teórica no pensamento complexo de Edgar Morin, na *Teoria Estética* de Theodor Adorno e no “Direito à Literatura” de Antonio Candido, fazendo-se a leitura do texto poético, para além do poema, e dos estudos da natureza, em consonância com o pensamento complexo. Como resultados, apresenta-se um estudo complexo da obra *Amazonas, Pátria da Água* dentro da perspectiva de que a complexidade nos convoca para uma verdadeira reforma do pensamento.

Palavras-chave: Complexidade, natureza, Thiago de Mello, Djalma Batista.

Resumen

Se propone investigar la temática naturaleza y su complejidad en la producción *Amazonas, Pátria da Água* de Thiago de Mello por tratarse de un tema relevante en los debates mundiales, las dimensiones catastróficas de la relación exploración vs. Preservación. Dos etapas son importantes en el análisis de la producción literaria de Thiago de Mello: La primera de ellas se refiere a la cuestión de la naturaleza, en la cual la preservación de la Amazonia y del mundo es esencial en sus poemas. La segunda está relacionada a la complejidad, al vivir y estar vivo, en el diálogo entre el hombre y la naturaleza. Fueron analizados los fragmentos representativos en la obra ya mencionada de Thiago de Mello que evidencian la temática naturaleza en la poesía y prosa poética y la complejidad amazónica que en ellas se puede percibir, usando para este objetivo como recurso la aproximación con la obra *O Complexo da Amazônia* de Djalma Batista. Se escogió una fundamentación teórica de acuerdo con el pensamiento complejo de Edgar Morin, la Teoría Estética de Theodor Adorno y el “Direito à Literatura” de Antonio Candido, haciéndose la lectura del texto poético, más allá del poema, y los estudios de la naturaleza, de acuerdo con el pensamiento complejo. Como resultados, se presenta un estudio complejo de la obra *Amazonas, Pátria da Água* dentro de la perspectiva de que la complejidad nos convoca para una verdadera reforma del pensamiento.

Palabras clave: Complejidad, naturaleza, Thiago de Mello, Djalma Batista.

Sumário

1	Introdução	9
1.1	Thiago de Mello	10
1.2	<i>Amazonas, Pátria da Água</i>	11
1.3	<i>O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento</i>	11
2	Fundamentação teórica.....	13
3	Descrição Metodológica.....	15
4	Resultados e discussões.....	16
5	Considerações finais.....	26
	Referências	28
	Cronograma	29

1 Introdução

A natureza é um tema constante à produção poética de Thiago de Mello. O discurso em defesa da natureza é, na verdade, o discurso em defesa da própria vida, da humanidade. Interagir com a natureza é interagir com si próprio. Nesta perspectiva, enquanto o homem comum vive o cotidiano e percebe uma ou outra relação com o espaço, o poeta se reconhece axiologicamente e converte sua percepção em poesia. Ou seja, se há formas que o homem comum acaricia simplesmente, há símbolos a que o poeta dá profundidade e que oferece, em troca, poeticidade, sensibilidade, intimidade. Na filosofia de Bachelard, tem-se a evidência de que o poeta, ao estar potencialmente solitário, é levado a acolher-se em espaços próximos e encontra sentido nos elementos do cotidiano.

O projeto atende, portanto, à expectativa de trazer para a universidade o debate acerca da complexidade e consciência humana da realidade amazônica, tendo por objeto de investigação a obra *Amazonas, Pátria da Água* do poeta amazonense Thiago de Mello, reconhecido mundialmente como defensor da natureza, do homem, da Amazônia. Por conseguinte, propomos para este fim uma metodologia baseada na teoria da complexidade de Edgar Morin, que nos permite realizar a aproximação da obra de Thiago de Mello anteriormente citada, com o texto *O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento* de Djalma Batista. Este estudo tem em conta o caráter transdisciplinar da temática amazônica, recorrendo em descrições poéticas, empíricas e científicas a conceitos literários e sociológicos.

Assim, assumimos o desafio e a responsabilidade de trazer o paradigma complexo para a literatura. Tendo em vista que etimologicamente complexo quer dizer “tecido junto” do *plexus*: tecido e a partícula *com-* que significa junto, e que o paradigma da complexidade, não é somente uma teoria, é um complexo de perspectivas teóricas. Por exemplo, Complexo de indústrias, são varias indústrias, ou complexo B, é a combinação das vitaminas B1, B2, B3... Todas no mesmo comprimido. Assim como *O Complexo da Amazônia* de Djalma Batista, é uma compilação de diversos estudos sobre o Amazonas. Por conseguinte, o conjunto de perspectivas que compõem o paradigma da complexidade, vem demonstrar que qualquer estudo está constituído por um conjunto de interações que ligam as partes com o todo. Por isso, procuramos considerar nosso processo de pesquisa como uma rede de narrativas em convergências, através de padrões que conectam diversas configurações da natureza amazônica rumo a patamares cada vez mais elevados de complexificação. Traçamos, portanto,

uma metodologia complexa, cujo perfil é o pensar de maneira dialógica e metacognitiva tomando as diversidades como elementos complementares que potencializam o nosso estudo.

1.1 Thiago de Mello¹

Amadeu Thiago de Mello nasce na cidade de Barreirinha do Amazonas brasileiro, a 30 de março de 1926. Ainda criança, muda-se para capital, Manaus, onde iniciou seus primeiros estudos no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e o segundo grau no Ginásio Pedro II. Completado os estudos preliminares, muda-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou na Faculdade Nacional de Medicina, curso que abandona para dedicar-se à profissão de poeta. Durante a década de 1950, colabora nos periódicos *O Comício*, veículo de oposição ao governo de Getúlio Vargas (1882 - 1954), e *Folha da Manhã*. Ao lado do poeta Geir Campos (1924 - 1999), funda a Editora Hipocampo, em 1951. Dirige o Departamento Cultural da Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, em 1959. No ano seguinte, assume o posto de adido cultural do Brasil na Bolívia e, posteriormente, em 1963, no exercício da mesma função, transfere-se para Santiago, Chile, onde conhece o poeta Pablo Neruda (1904 - 1973), de quem faz a tradução de uma antologia poética. É do Chile que toma ciência da eclosão da ditadura do Brasil, momento que interfere diretamente em sua poesia. Em 1965, publica *Faz Escuro Mas Eu Canto*, no qual se encontram os versos *Os Estatutos do Homem*. Seguidamente, publica *A Canção do Amor Armado*, 1966. Mora em Santiago por dez anos, período em que publica *Poesia Comprometida com a Minha e a Tua*, 1975. Retorna a Brasil em 1978 e, ao lado do cantor e compositor Sérgio Ricardo (1932), participa do show *Faz Escuro Mas Eu Canto* dirigido pelo cronista e dramaturgo Flávio Rangel (1934 - 1988) e apresentado em dez capitais brasileiras. Nesse mesmo ano, fixa-se no município de Barreirinha, onde até hoje se dedica à poesia, envolvendo-se com as comunidades ribeirinhas e com questões ligadas à preservação ecológica da região amazônica, sempre em viagens para participação em encontros de poetas, homenagens e ações políticas em defesa do homem e da Amazônia e difusão de sua poesia.

¹ Biografia de Thiago de Mello. Jornal Livre: Online. Disponível em: <<http://www.jornallivre.com.br/167275/biografia-thiago-de-mello.html>> Acesso em: 04 jan. 2013.

Biografia de Thiago de Mello. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbeta=530> Acesso em: 04 jan. 2013

1.2 Amazonas, Pátria da Água

No livro *Amazonas, Pátria da Água*, reúnem-se quarenta e dois capítulos de poesia e prosa poética, vertentes distintas, contudo complementares, além de uma crônica chamada “Notícia da Visitação que Fiz no Verão de 1953 ao Rio Amazonas e seus Barrancos”, composta por dezesseis partes, onde a natureza é protagonista e a experiência humana, princípio ativo.

A poesia a miúdo, mais concisa e contida, com um sentido de afinamento formal e misturada com prosa poética é mais evidente em: “A Fundação da Pátria da Água”, “Os Nomes do Mar Doce”, “Tudo Depende da Água”, “A Floresta não Sabe Falar” e “Solilóquio do Índio”. É esplêndida e extensa, particularmente em “A Chegada da Cruz e do Arcabuz”, “A Lição do Rio”, “Raça de Âmagos” e “Meditação do Filho da Floresta”.

Trinta e quatro dos capítulos são exclusivamente em prosa poética, sendo esta exuberante e delirante. Cada um dos capítulos é um manifesto em defesa da natureza e da Amazônia (como indicado pelo Prof. Tenório Telles na orelha da obra).

Conforme já se orienta no prefácio, Thiago de Mello (2002) adverte que “devagarinho” a floresta amazônica está tomando o rumo do fim. A floresta precisa de cuidados: “cada ano que passa, milhares de quilômetros verdes desaparecem, para nunca mais voltar”. E denuncia que: “Se for esperar pelo governo, a floresta estará com os seus dias contados, devastada, não pelo furor das motosserras, dos tratores e dos incêndios criminosos, mas pela fúria da má-fé, da incompetência e do descaso” (MELLO, 2002, p.14).

E assim é o discurso do poeta, de que “nem tudo está perdido. Há muita gente vigilante, aqui e pelo mundo afora, enfrentando os inimigos da floresta, que jamais dormem e são cheios de olhos, torpes figuras do Apocalipse” (MELLO, 2002, p.14).

1.3 O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento

A complexidade da natureza amazônica, que abordamos em *Amazonas, Pátria da Água*, de Thiago Mello, está presente também em Djalma Batista² a partir de inúmeras

² Djalma da Cunha Batista (1916 – 1979), nasceu em Tarauacá, Acre. Formou-se em 1939 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Fundou, em fevereiro de 1940, o Laboratório de Patologia Clínica Dr. Djalma Batista Ltda. Foi Eleito Presidente da Associação Médica do Amazonas em duas oportunidades, membro da Academia Amazonense de Letras, sendo presidente por três mandatos. Também foi vice-presidente do Conselho Estadual de Cultura de 1968 a 1972 e diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) de 1959 a 1968. Autor das obras: *O Complexo da Amazônia*; *Paludismo na Amazônia*; *Codajás – Comunidade Amazônica*; *Letras da Amazônia* e *Da Habitabilidade da Amazônia*.

Após a sua morte, em 9 de agosto de 1979, Djalma Batista foi homenageado com a colocação de seu nome em uma das avenidas principais de Manaus. No Acre, foi homenageado em 1981 com a colocação de seu nome em um dos pavilhões científicos da Universidade Federal do Acre. É considerado um dos cientistas que mais consagrou estudos à Amazônia, como indicado pelo Prof. Tenório Telles na orelha de *O Complexo da Amazônia*: “Foi um homem de sua época, que, como poucos, honrou seus valores e consagrou sua vida à sua maior causa –

perspectivas em *O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*, publicado em 1976. Djalma Batista usa o termo “Complexo da Amazônia” para propor um novo modo de conhecer e compreender a Amazônia de forma multifatorial, como indicado por Marcus Barros no Posfácio do livro (BARROS in BATISTA, 2007). É importante esclarecer que esta perspectiva no livro de Djalma Batista foi abordada antes de ter sido difundido epistemologicamente o que Edgar Morin chamaria de Paradigma da Complexidade. Desconhecemos o contato entre os dois pesquisadores.

A obra de Djalma Batista é marcada por seu perfil intelectual que busca incessantemente conhecer a Amazônia de todas as formas possíveis, não se restringindo a um determinado campo científico, mas procurando ferramentas transdisciplinares. Isto é claramente explicado na orelha do livro por Tenório Telles ao dizer:

Seu livro “O Complexo da Amazônia” é o resultado de uma existência dedicada à ciência e ao estudo sobre a realidade amazônica. Não é só um diagnóstico sobre a complexidade desse universo, o que explica o subtítulo da obra: “Análise do processo de desenvolvimento”. É uma declaração de compromisso e proposição de caminhos possíveis para engendrar possibilidades inovadoras em termos de desenvolvimento para a Amazônia, capazes de compatibilizar a produção de riqueza e seu usufruto pelas suas populações, sem negligenciar a preservação do meio ambiente. (TELLES in: BATISTA, 2007).

O cientista Djalma Batista, apresenta a complexidade do sistema natureza amazônica, associando em si mesmo as ideias de unidade e multiplicidade, as quais são concebidas de modo complementar. Numa relação de recursividade, num processo pelo qual os elementos geográficos, históricos, políticos, económicos, são necessários à própria geração ou existência do sistema, sendo este, uma organização ativa que produz tais elementos e seus efeitos. Assim, o processo é circular, dado que o produto ou o efeito último se torna primeiro e a causa primeira, como é apresentado no paradigma complexo de Edgar Morin (2011).

O livro *O Complexo da Amazônia* foi dividido em três partes principais, as quais tem embasamento segundo o próprio autor em “fatos ou citações bibliográficas, que tanto podem ser científicas como literárias, inclusive em notas de jornais e revistas, sabido que todos trazem um pouco de verdade, que precisa ser compreendida” (BATISTA, 2007, p. 37).

A Primeira Parte, “O Espaço e a Humanidade” concerne principalmente a uma abordagem crítica da existência de várias Amazônias que constituem o que ele denomina Pan-Amazônia e as condições de vida das populações que habitam este território. A Segunda Parte “O Duelo com a Natureza” compreende uma análise da exploração da fauna, da flora e em

a Amazônia. Profeta de um mundo incompreendido e ameaçado, Djalma é um dos heróis do nosso tempo” (TELLES in: BATISTA, 2007).

geral das riquezas amazônicas. Na Terceira Parte “O Desafio da Esfinge” tratam-se temas sobre o desenvolvimento econômico da região, tais como, os incentivos fiscais, os perigos da colonização desordenada, o transporte e as comunicações, os projetos inconclusos, etc.

Ao longo das três partes, o cientista ressalta as iniciativas dos empreendimentos para a região, entretanto, alerta para as ameaças do futuro fazendo as seguintes advertências:

1 – A natureza amazônica não está suficientemente conhecida e estudada. Considero, por isso, em primeira prioridade, a necessidade de incentivar pesquisas científicas e tecnológicas, que venham a servir de orientação indispensável.

2 – É preciso de qualquer maneira defender a ecologia amazônica contra o alargamento de práticas destrutivas, como o desmatamento desordenado, a agricultura itinerante, o esgotamento dos recursos de pesca, etc., que cedo acentuarão o desequilíbrio entre a água, a flora, a fauna, o ar e o próprio homem.

3 – É urgente que se crie uma agrotécnica para os trópicos, até hoje desconhecida, e que permita o aproveitamento racional das terras amazônicas e a produção de alimentos (BATISTA, 2007, p. 37).

Percebemos, portanto, que Djalma Batista propõe a educação, a conscientização ecológica, a ciência e a tecnologia como meios através dos quais aconteceria o desenvolvimento da região, que proporcionariam ferramentas para pensar o uso racional dos recursos sem explorá-los de forma predatória.

2 Fundamentação teórica

Nesta pesquisa sobre natureza e complexidade em Thiago de Mello, se toma como base que o poeta se reconhece axiologicamente e converte sua percepção em poesia, o que explica Bakhtin: “o autor ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento e por isso a sua obra é também um momento desse acontecimento” (BAKHTIN, 1997, p. 176).

Também, precisa-se responder à pergunta, o que é complexidade e o pensamento complexo? Para isso é necessário conhecer os aportes de Edgar Morin³, pesquisador francês, precursor do que hoje é chamado de paradigma da complexidade. Tendo em conta que, de acordo com Morin (2011), a complexidade (*complexus*: o que é tecido junto) é o tecido de

³ Edgar Morin, pseudônimo de Edgar Nahoum, nasceu em Paris, em 8 de julho de 1921, é um sociólogo e filósofo francês. Pesquisador emérito do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique). Formado em Direito, História e Geografia, realizou estudos em Filosofia, Sociologia e Epistemologia. É considerado um dos principais pensadores sobre a complexidade. Autor de mais de trinta livros, entre eles: O método (6 volumes), Introdução ao pensamento complexo, Ciência com consciência e Os sete saberes necessários para a educação do futuro. Durante a Segunda Guerra Mundial, participou da Resistência Francesa. É considerado um dos pensadores mais importantes do século XX e XXI.

acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o mundo fenomênico. A complexidade se apresenta com os traços do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade e da incerteza. Segundo o autor (2011a) o pensamento complexo é aquele que tenta responder ao desafio da complexidade, e não o que constata a incapacidade de responder. O pensamento complexo deve enfrentar o enredado, a dependência recíproca dos fenômenos entre eles, a incerteza e a contradição, correspondendo à multiplicidade, ao entrelaçamento e à interação contínua da infinidade de sistemas e de fenômenos que compõem o mundo, as sociedades e todos os seres vivos.

Seguidamente, aproximamos a *Amazonas, Pátria da Água* com a obra *O complexo da Amazônia* de Djalma Batista, por ser de fundamental importância no contexto amazônico. Como o próprio Djalma Batista afirma “É um livro escrito e pensado no Amazonas” e tem como objetivo:

Alertar contra o grande mal, que está à vista: a destruição desavisada do último reduto da natureza na face da Terra, transformando-o em outra área-problema para o Brasil, tal como o Nordeste, de terras semidesérticas. Não esquecer que a Amazônia está situada em cima da linha do Equador, com uma alta pluviosidade. Sua defesa e sua riqueza residem precisamente na água e na floresta. (BATISTA, 2007, p. 26).

Além disso, a perspectiva conceitual de literatura que lidamos para o desenvolvimento do Projeto – o discurso literário como fonte de conhecimento, humanização e denúncia – tem no teórico brasileiro Antonio Candido seu principal suporte. Ele afirma, em primeiro lugar que “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção” (CANDIDO, 1995, p. 177). O foco que o autor dá à literatura advém do fato de tomá-la como o autêntico manifestar da língua, tornando-se, portanto, num instrumento difusor de múltiplos saberes, de persuasões e de humanização. Assim exposto pelo autor, após descrever algumas criações literárias:

Em todos esses casos ocorre humanização e enriquecimento, da personalidade e do grupo, por meio de conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão. Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p.180).

Aqueles “traços essenciais” considerados por Antonio Candido são produto do processo humanizador da literatura, vêm acompanhados dos estudos transdisciplinares que instigam a uma ampliação dos limites de estudo na área literária, usando a literatura comparada, como é proposto por Henry H. Remak:

O estudo da literatura além das fronteiras de um país em particular, e o estudo das relações entre literatura de um lado e outras áreas do conhecimento e crença, como as artes (pintura, escultura, arquitetura, música), a filosofia, a história, as ciências sociais (política, economia, sociologia), as ciências, as religiões, etc., de outro. Em suma é a comparação de uma literatura com outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana. (REMAK, *apud* CARVALHAL, 2004, 169).

A perspectiva assumida por Remak rompe os limites da investigação da literatura pela literatura, possibilita interrogar o literário com o que há, ou possa existir, além do literário, como é a nossa proposta na aproximação do texto poético de Thiago de Mello e o texto de Djalma Batista.

Finalmente, seguem-se as orientações de Theodor Adorno na sua obra *Teoria Estética* para abordar a relação entre a arte literária e a sociedade inserida na natureza. Conforme a *Teoria Estética* de Adorno, reduzindo a arte ao fazer poético, pode-se visualizar ao poeta como um ser crítico que expressa suas observações do mundo por meio de versos a partir da afirmação do autor: “os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como os problemas iminentes de sua forma” (ADORNO, 1970, p.16). O autor expressa que o fazer artístico deve ser crítico e extensamente reflexivo, podendo provocar contradição devido à complexidade da percepção da realidade social e a essência da arte na sua afirmação: “A sua essência social precisa de uma dupla reflexão sobre o seu ser-para-si e as suas relações à sociedade. O seu caráter ambíguo é manifesto em todas as suas aparições; mudam e contradizem-se a si mesmas” (ADORNO, 1970, p. 255).

3 Descrição Metodológica

Neste trabalho científico, prepondera uma pesquisa bibliográfica, subjetiva, relacional e qualitativa da relação exploração x preservação em *Amazonas, Pátria da Água* de Thiago de Mello, recorrendo-se à Teoria da Literatura e a estudos de teoria da complexidade, numa aproximação entre Thiago de Melo e Djalma Batista.

Em função dos limites propostos para esta pesquisa, foram realizadas as seguintes etapas:

- Leitura e análise literária das obras de Thiago de Mello e Djalma Batista propostas para o estudo;
- Leitura e seleção das passagens e conceitos mais representativos referentes ao problema proposto, nas obras *Rumo ao Abismo?*; *Introdução ao Pensamento Complexo*; e *Amor, Poesia, Sabedoria* de Edgar Morin, assim como a *Teoria Estética* de Theodor Adorno e “Direito à Literatura” de Antonio Candido;

- Reflexão sobre os estudos bibliográficos apontados nos itens anteriores de como se tem discutido e problematizado acerca da complexidade e natureza para uma compreensão do espaço amazônico e de sua importância mundial;
- Seleção dentre as várias explicações daquelas que conseguiram, com mais fecundidade, dar conta da pesquisa, com base no paradigma complexo e nos teóricos já referidos.

4 Resultados e discussões

Na análise de *Amazonas, Pátria da Água*, revela-se o quanto os versos e pensamentos expressos em prosa poética por Thiago de Mello manifestam o que Edgar Morin afirma como necessidade de uma tomada de consciência radical por meio da complexidade do real. É preciso olhar essa complexidade não como um conceito teórico e sim como um fato. Ela equivale à multiplicidade, ao encadeamento e à contínua interação dos infinitos sistemas e fenômenos que compõem o mundo natural e as sociedades humanas.

Sendo que o complexo é aquilo que se tece junto, para Edgar Morin (1998), existe uma relação complexa entre prosa e poesia, existindo um entrelaçamento contínuo entre elas. “De poesia-prosa está constituída a linguagem da nossa vida”. Segundo o autor o homem possui duas linguagens. Uma poética e a linguagem da prosa. As quais são definidas por Morin:

Pode-se chamar de prosa as atividades práticas, técnicas e materiais que são necessárias à existência. Pode-se chamar de poesia aquilo que nos coloca num estado segundo: primeiramente, a poesia em si mesma, depois a música, a dança, o gozo e, é claro, o amor. (MORIN, 1998, p.59).

A necessidade de pensar no conjunto poesia-prosa na sua complementaridade, para expormos melhor a complexidade na obra poética *Amazonas, Pátria da Água*, é tratada na aproximação com o livro *O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento* de Djalma Batista. Decerto na obra de Batista existe um tratamento complexo da temática amazônica, como expõe Renan Freitas Pinto na apresentação do livro ao dizer que “a região é representada e tratada nesta obra como uma combinação complexa de processos naturais e socioculturais” (BATISTA, 2007, p. 11). Considerando essa proposta, a pesquisa ganhou contornos de um estudo literário comparativo em comunhão com conceitos provenientes de outras esferas do saber humano.

Pode-se dizer, então, que o recurso que usamos de comparação literária não é determinado pelo procedimento em si, porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação das obras do poeta Thiago de Mello e do cientista Djalma Batista, possibilita a discussão acerca da natureza amazônica em sua complexidade. Para isso compreendemos a

importância de analisar a função da literatura como um sistema complexo, já que o homem está inserido em sistemas complexos e dentro dele subsistem mais sistemas complexos como se apresenta em Morin (2011).

Sobre a função da literatura Antonio Candido expõe que:

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: 1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; 2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; 3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 1995, p. 176).

Visto que, segundo Candido, a literatura esta diretamente ligada à humanização, da qual destacamos a percepção da complexidade do mundo e dos seres, possível na criação e no acesso à literatura.

Assim, sob a perspectiva de pensamento do teórico Antonio Candido, assumimos a complexidade literária do tema natureza em *Amazonas, Pátria da Água* como um elemento “humanizador” que instiga a reflexões diversas e expõe a necessidade da reflexão contínua e distanciada de rótulos, fora de catalogações simplificadoras.

É relevante, do mesmo modo, notar que o sentido humanizador da literatura também é tratado cuidadosamente pelo sociólogo Edgar Morin (1998) quando expõe que no mundo ocidental, a modernidade em algum momento quis impor o que ele chama de “hiper-prosa”, isto é, “um modo de vida monetarizado, compartimentado, cronometrado...” relegando a poesia para um universo secundário, pouco prático e de menor importância. Para equilibrar essa situação Morin propõe que a poesia seja percebida como uma “hiper-poesia”, a qual tem como objetivo introduzir a poesia na vida, poetizando o conhecimento; incorporando noções tais como, assombro, maravilha, perplexidade, impredecibilidade, fantasmagoria.

A “hiper-poesia” proposta por Edgar Morin é contemplada em toda a obra *Amazonas, Pátria da Água*. O livro de Thiago de Mello poetiza a vida cotidiana e os conhecimentos do universo natural da floresta. Em *Amazonas, Pátria da Água*, os fios vão-se entrelaçando em prosa e poesia, a partir do rio e junto com ele se tecem experiências; aprendizados técnicos, científicos, morais, éticos, místicos; mensagens de preservação, amor, solidariedade, superação; denúncia contra a inconsciência, a indiferença, a contaminação, o desrespeito da vida.

Foram muitos os seus nomes:
Mar Dulce,
O rio de Orellana,
Marañon,
O Guieni dos índios aruaques,
O Paranatinga,

O Paraguaçu dos tupis,
San Francisco de Quito,
El rio de las Amazonas,
O Grande rio das Amazonas. (MELLO, 2002, p.19).

Por conseguinte, Thiago de Mello, em suas reflexões individuais, se converte na voz do coletivo, expondo em seus versos insatisfação para com a ação humana e chamando a atenção para as questões natureza, preservação da Amazônia e do mundo. Além de explorar a complexidade, no viver e estar vivo, no diálogo entre homem e natureza, temas essenciais em seus poemas.

Bem por isso, Thiago de Mello no capítulo “A Floresta Pede Amor e Ciência” mostra a necessidade da tomada de consciência para a proteção da floresta. Descreve a complexidade da Amazônia através do que ela está deixando de representar, por causa da exploração científica irresponsável:

A Amazônia já não é mais a região misteriosa de antigamente, um exótico celeiro de lendas. Não é a Manoa do lago Dourado, nem o país das Amazonas. Também já não se trata apenas do Paraíso, com a bem-aventurança da luz na poderosa quietude da selva. Nem do inferno, rubro do fogo das febres, de serpentes e peçonhas. A magia já se aconchega na mão da ciência. A ciência se enche de olhos para descobrir o sortilégio da esmeralda escondida. (MELLO, 2002, p.85).

O autor admite “de muita ciência ainda se precisa”, mas, destaca que “É de consciência a nossa necessidade maior” e amor como expressa na sua percepção da Amazônia, menina triste:

Do alto da proa, fico olhando a menina sentada no barranco. Um brilho que me perturba cresce nos seus olhos, onde palpitam misturados a força e o desamparo. Uma espécie de esperança amedrontada. É o olhar da própria Amazônia, de alguém que sente precisão de amor. (MELLO, 2002, p.86).

Por outro lado, em Morin (2003), o sociólogo explica que há complexidade quando elementos diferentes são constitutivamente inseparáveis e há um tecido interdependente, interativo e retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. O anterior é evidente nas obras *Amazonas, Pátria da Água* e *O Complexo da Amazônia*, nas quais existe união entre a unidade e a multiplicidade do tema natureza amazônica e esta coexistência, prova a impossibilidade da separação diante da complexidade. Portanto, recorreremos à comparação das obras escolhidas pela necessidade de comprovação da complexidade amazônica.

No capítulo “Dos índios e dos brancos” (BATISTA, 2007, p. 53) da obra *O Complexo da Amazônia*, o autor aborda a temática indígena a partir das seguintes análises críticas e científicas: a vida antes dos descobridores; suposições estatísticas sobre as populações pré-coloniais; o choque das culturas; lutas e guerras; o papel da mulher; as tentativas de

humanização; a sabedoria do ameríndio; a dizimação lenta; a miscigenação; os traços psicológicos da mestiçagem cabocla; os aportes do mestiço de índio: Rondon e, o genocídio na Amazônia e no Brasil. Já no capítulo “Os índios nossos irmãos só uns poucos ainda resistem” (MELLO, 2002, p.72) de *Amazonas, Pátria da Água*, em prosa poética se expõem vários tópicos em comum com o capítulo mencionado do livro de Djalma Batista. De modo geral Thiago de Mello faz um percurso poético sobre a problemática indígena, complementando sua dissertação com o capítulo “Solilóquio do índio” (MELLO, 2002, p.73), no qual também aborda a temática exposta em *O Complexo da Amazônia* desde o ponto de vista do índio. Enquanto Djalma Batista fala do choque cultural da colônia, dizendo:

Para o índio, os resultados desse choque foram sumamente graves: houve mudança dos métodos de trabalho e dos hábitos alimentares; imposição de novas crenças, embora o absurdo de pretender que o primitivo pulasse, de um salto, do politeísmo ao monoteísmo; o propósito de subordiná-lo, pela escravidão declarada ou disfarçada aos conquistadores, além de modificações profundas na estrutura familiar. (BATISTA, 2007, p. 55).

Thiago de Mello personifica o índio, o qual extravasa seus pensamentos e emoções referentes a este choque cultural no “Solilóquio do Índio”:

(...) De mim me perco e me esqueço
do que sou na precisão
que já tenho de imitar
os brancos no que eles são:
uma apenas tentativa
inútil que me dissolve
na dor que não me devolve
o poder de me encontrar (...). (MELLO, 2002, p.74).

No capítulo “Dos males” (BATISTA, 2007, p. 93) de *O Complexo da Amazônia*, analisa-se a natureza selvagem da floresta a partir: das pragas que atacam o homem; dos animais peçonhentos ou nocivos; das doenças; das parasitoses; das enfermidades bacterianas; das viroses; das micoses; das carências; do problema do beribéri; dos males só encontrados na Amazônia; das doenças na vida do povo; das utilidades da microflora e da microfauna.

Por outro lado, Thiago de Mello organiza suas ideias sobre sua percepção dos males da floresta, fazendo contato com o mundo natural a partir dos mais diversos olhares. Sem excluir o místico, relacionando as lendas e crenças populares na sua mensagem, coaduna, portanto, com a perspectiva complexa moriniana. Pois, em Morin (2011) se rejeita o fato que a razão exclua os mitos e as crenças populares para as profundezas da mente, enquanto, por todo lado, erro, ignorância e cegueira progridem ao mesmo tempo que os novos conhecimentos. Para o sociólogo francês a causa profunda do erro está no modo da organização do saber num sistema de ideias que gerou uma nova ignorância ligada ao desenvolvimento da própria

ciência, existindo assim, uma nova cegueira ligada ao uso degradado da razão. Assim, as ameaças mais graves em que incorre a humanidade estão ligadas ao progresso cego e incontrolado do conhecimento.

Conseqüentemente, no capítulo “Os Guardiões dos Verdes” (MELLO, 2002, p.53), o poeta descreve os males que são a própria defesa da floresta “agredida e violentada”. A floresta se defende com seu calor úmido, com a flora que fecha caminhos, com os insetos transmissores de doenças, com suas feras. Mas, especialmente o autor expõe que se defende com “os poderes de encantamento dos lendários habitantes da selva”. Poderosos seres que protegem a floresta das más intensões humanas: “Os duendes mágicos da floresta, a *coruja rasga-mortalha*, a *matintaperera*, o *curupira*, o *mapinguari*, o *jurupari*, a *cobra grande*”. O poeta reflete: “Mas às vezes penso, ao considerar a ação dos malfeitores que destroem a floresta, que os curupiras e os mapinguaris do Amazonas também se estão acabando”. (MELLO, 2002, p.54).

Edgar Morin (1997) destaca a necessidade da reconexão dos conhecimentos, valorizando todas as formas de saberes: científico, técnico, poético, místico, irracional, etc. E é possível interligar os diferentes saberes ao tratar sobre as populações amazônicas nas análises científicas de Djalma Batista e a poesia de Thiago de Mello.

Note-se que no capítulo “Do Homem Perante a Geografia” (BATISTA, 2007, p. 111) o autor encara a Amazônia de acordo com sua geografia humana, considerando a localização de seus habitantes, de modo que sua classificação é: A primeira Amazônia (as metrópoles); a segunda Amazônia (a das cidades do interior) e; a terceira Amazônia (onde vivem os trabalhadores rurais em geral). Também, expõe-se a distribuição da população urbana e rural a partir dos recenseamentos e, o fenômeno da interpenetração das Amazônias já classificadas pelo autor.

Mas também, Thiago de Mello nos capítulos: “A Convivência Solidária” (MELLO, 2002, p.78); “A espessura do silêncio” (MELLO, 2002, p.47) e “A fundação da Pátria Água” (MELLO, 2002, p.15) faz uma abordagem humanista na geografia do Amazonas, sem classificações e enaltecendo, em toda a extensão da obra em análise, a sabedoria, lendas e costumes populares dos habitantes do coração da floresta amazônica. Pessoas que no capítulo “A Convivência Solidária” são descritas pelo poeta, como:

(...) criaturas simples e humildes que constroem há centenas de anos a civilização da água, cujas leis e valores são tão diferentes das que marcam a vida atormentada dos grandes centros urbanos (...) seres que conhecem e amam a convivência solidária. Vivem numa sábia integração com a natureza, cujos rigores e virtudes condicionam sua maneira de viver. Tão harmonioso é o seu convívio com a natureza, que parecem confundir-se com ela. (MELLO, 2002, p.78).

Ressalta que “é certo que vivem em condições precárias, conhecem duros períodos de miséria”, mas, contudo “são capazes de amor” vivendo em permanente estado de solidariedade, o autor conclui que estes seres humanos “têm vocação de convivência fraterna. Embora não saibam soletrar a palavra Utopia” (MELLO, 2002, p.78).

Do mesmo modo que Thiago de Mello expõe sua visão da vida dos habitantes dos interiores amazônicos, Djalma Batista sobre este tema aponta:

O povo em geral não tem condições econômicas para custear o fornecimento de água encanada, luz o telefone, nem para viajar de avião. (...) As perspectivas são portanto muito limitadas: assistência médica sempre restrita, educação ainda muito a desejar, mercado funcionando quando Deus dá bom tempo. Os moços ficam olhando os navios, sempre de olhos compridos. (BATISTA, 2007, p. 114).

Continuando com a exaltação dos saberes ancestrais das populações ribeirinhas, Thiago de Mello narra poeticamente no capítulo “As Lindas Índias Guerreiras”, seu encontro com a lenda das guerreiras *Amazonas*, estando no rio Nhamundá. Lugar onde “frei Gaspar Carvajal, cronista da viagem do espanhol Francisco Orellana, registrou a presença das lendárias índias que deram o nome ao rio”, explica o poeta:

As crianças, os homens e as mulheres que hoje habitam este mágico pedaço do grande rio nunca leram os cronistas. Mas, todos aqueles com quem conversamos nos transmitem, inabalável, límpida, a certeza de que aqui viveram, aqui lutaram, aqui amaram as índias Amazonas. (MELLO, 2002, p.21).

De uma conversa entre o poeta e nativos de Nhamundá, levada à beira de um lago, o escritor transcreve:

- Desde quando tu ouviste falar nas Amazonas?
 - Desde que sou gente. Eu digo que a gente já nasceu sabendo delas, das Icamibas, que é o nome delas mesmo.
 - O que é que o povo daqui fala?
 - Fala tudo o que elas foram, toda a verdade. Só eram índias fêmeas (...) no 25 de dezembro traziam os índios para fazer o desejo delas, que era só uma vez por ano. (MELLO, 2002, p.22).

Manter a crença da existência das guerreiras Amazonas é uma das maneiras do povo reafirmar sua identidade cultural e preservar suas tradições. Segundo Edgar Morin: “A desintegração de uma cultura sob o efeito destruidor da dominação técnico-civilizacional é uma perda para toda a humanidade, cuja diversidade cultural constitui um dos mais preciosos tesouros” (MORIN, 2003, p. 75). Em concordância com Morin, Thiago de Mello e Djalma Batista abordam os problemas da relação entre o homem da Amazônia, a natureza e a tradição em discursos diferenciados, mas ambos ressaltam a importância de preservar os traços culturais amazônicos. A análise do cientista Djalma Batista, como já tem sido exemplificada, representa em maior medida a linguagem científica que em geral se remete à observação e

registro dos dados coletados, mas como ele mesmo expõe na introdução do seu livro, recorre a diversas fontes “fiéis à geografia e à história do espaço”.

Como se pode ver no capítulo “Guaraná o rejuvenescedor” de *O Complexo da Amazônia*, Batista apresenta dados científicos, comerciais e de projeção econômica do cultivo do guaraná. Além disso, o autor aponta como fato curioso os costumes de consumo desta planta:

(...) cujos habitantes criaram o hábito de ingerir todas as manhãs, doses de pó de guaraná. Com as sementes torradas e piladas, reduzidas a uma pasta elástica prepararam-se os pães ou bastões de guaraná, que são depois secos e defumados durante 20 a 30 dias. A tradição é ralar o guaraná em língua de pirarucu, na hora de ingerir o pó, especialmente pela manhã em jejum. (BATISTA, 2007, p. 210).

Seguidamente, faz um chamado para uma melhor exploração do cultivo do guaraná pensando num maior benefício socioeconômico para a região, ao dizer: “Racionalidade nas lavouras até agora não se estabeleceu e por ela clama, em documento há pouco apresentado, a Associação Comercial do Amazonas, que enxerga, como todos, no guaraná, uma das mais significativas opções econômicas para o Estado” (BATISTA, 2007, p. 210).

Efetivamente, o autor menciona a grande importância do guaraná na tradição amazônica, ressaltando que na região é um agente principal da juventude e vitalidade: “O povo da área, constituído fundamentalmente de caboclos, tem fama de longevidade e de desfrutar boa saúde física, sem esquecer a valentia” (BATISTA, 2007, p. 208).

Também, na obra de Thiago de Mello, tendo em conta a valorização das crenças populares e a tradição no Amazonas, no capítulo “Às virtudes Milagrosas”, o poeta narra sua visita à casa de seus amigos índios Maués, os quais têm o costume de tomarem guaraná em uma cuia que passam de mão em mão. O poeta relata que depois de ele tomar um “gole largo” devolveu o “sapó” à dona da casa e instantes depois se levantou, ato pelo qual foi repreendido: “– Você não pode sair do lugar antes de tomar o guaraná uma segunda vez. O guaraná não gosta, ele se zanga”. O poeta muito respeitosamente conclui seu relato: “O guaraná, para eles, continua a ser uma divindade. Nasceu dos olhos de um pequenino índio Maué, filho de Onhia-muacabê, segundo a lenda. A lenda, porque lenda é verdadeira” (MELLO, 2002, p.35).

No capítulo “A Fundação da Pátria da Água”, Thiago de Mello descreve em prosa poética a localização geográfica do rio Amazonas, sua origem, a importância da floresta. E adverte o temor da destruição, que a floresta esteja tomando o rumo do fim: “Pelo que já se conhece da vida na Amazônia, desde que o homem, a habita ergue-se das funduras de suas águas e escorre dos altos centros de sua selva um terrível temor: o de que essa vida esteja devagarinho, tomando o rumo do fim” (MELLO, 2002, p.16).

Essa mesma advertência é feita por Edgar Morin em toda a extensão de sua obra *Rumo ao Abismo?* A qual o sociólogo francês conclui mostrando os riscos imprevistos do futuro. Riscos que não são só negativos. Se a humanidade mudasse positivamente sua atitude toda essa incerteza também poderá “comportar capacidades criadoras, desenvolvimento da compreensão e da bondade, nova consciência humana” (MORIN, 2011a, p.190).

Igualmente, Djalma Batista, ao longo de *O Complexo da Amazônia*, alerta o leitor da “destruição desavisada do último reduto da natureza na face da terra” (BATISTA, 2007, p. 37). Suas principais preocupações com a Amazônia são: a desproteção da floresta e a exploração abusiva de suas riquezas, já que “tanta coisa tem sido tentada, na Amazônia, de maneira errônea, mal conduzida, ou sem continuidade” (BATISTA, 2007, p.380). No capítulo “Os Rumos do Futuro”, o autor denuncia à falta de projetos eficientes que permitam recuperar os recursos renováveis e a inconsciência humana:

As riquezas naturais, animais e vegetais têm sido aproveitadas para sustento das populações ou para o comércio exportador, e as tentativas de renovar tais riquezas, como aconteceu com a seringueira e o pau-rosa até agora falharam.

(...)

De tudo isso, o que mais me impressiona, no presente, e me preocupa constantemente, é o desmatamento sem medida, para coletar madeiras, fazer lenha, abrir roças ou estradas, criar gado ou simplesmente desmatar, não dando nenhuma atenção à importância do revestimento florestal, que representa a nossa defesa e a nossa segurança. Sem ele, as correntes d’ água estão começando a secar, as terras agricultáveis estão sendo erodidas, enquanto as modificações climáticas estão tornando a vida muito difícil no grande vale (como a área de Manaus). (BATISTA, 2007, p. 380).

As palavras do cientista gritam sobre a necessidade de viver com qualidade ambiental, reconhecendo a conscientização humana como o elemento crítico para o combate à crise ambiental no mundo. E a urgência da necessidade do homem reordenar suas prioridades.

Por outro lado, Thiago de Mello, conclui sua advertência da dilapidação da floresta no capítulo “A Fundação da Pátria da Água” com poesia que faz o convite a ter “amor” na incerteza do futuro:

Vem comigo, é claro o tempo
e sopra o vento geral.
Vamos devagar, remando
Na água negra transparente,
tomando todo cuidado
para que a proa do casco
não vinque a fimbria da luz.
Vem comigo descobrir
as fontes verdes da vida.
Mas contigo traz amor
para com dor aprender.
(MELLO, 2002, p.16).

Em “A complexidade sempre tem relação com o acaso” (MORIN, 2011, p.35), o sociólogo francês indica que a complexidade compreende incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios. Coincide com uma parte de incerteza seja proveniente dos limites do entendimento, seja inscrita nos fenômenos.

A incerteza da relação homem-natureza é mostrada por Thiago de Mello, especialmente no capítulo “Pesca: Arte, Ciência e Magia”. O poeta indica que “De menino, o caboclo se inicia nos segredos da pesca, que tem muito de ciência, mas também muito de intuição. É, sobretudo, instinto, às vezes parece magia” (MELLO, 2002, p.59). O poeta reconhece e exalta a comunicação harmônica existente entre os homens da floresta e seu entorno. Essa linguagem que gera incerteza proveniente dos limites do entendimento e dos fenômenos é exposta pelo autor assim:

O pescador sabe quando o cardume de jaraqui vem subindo. Como é que ele sabe?
Nem ele próprio sabe direito como é que ele sabe. A gente sabe, me disse o Magá.
Olhou para o rio, ficou cismando e concluiu: “Eu acho que eles já vêm é avisando a gente que eles estão vindo. O pescador sabe”. (MELLO, 2002, p.59).

Também, Djalma Batista, em *O Complexo da Amazônia*, obra com predominância científica, faz referência às incertezas e contradições da floresta misteriosa, isolada e cobiçada:

A Amazônia vem sendo um celeiro de incógnitas, a justificarem um dos conceitos célebres de Euclides da Cunha, de que a região é conhecida apenas aos fragmentos, devendo constituir, algum dia, com o descobrimento de todos os seus segredos, a última página da História Natural. (BATISTA, 2007, p. 379).

Efetivamente, como mostrado pelo autor, os desafios do espaço amazônico clamam por uma abordagem para a problemática ambiental, que contemple uma nova postura para o enfrentamento e conciliação do paradoxo, desenvolvimento x conservação. Por isso, a partir de uma perspectiva consonante com o paradigma da complexidade, podemos destacar que o conhecimento científico aliado a outros saberes transdisciplinares contribui para uma reflexão profunda sobre a realidade amazônica, o qual é um grande passo para o melhoramento.

Decerto, Thiago de Mello, também, interpela em todos seus versos a ambiguidade de luta, de resistência, de colaboração, de complementaridade que evidencia sua abordagem complexa da natureza. O poeta mostra o excesso de complexidade que desestrutura o convívio homem-natureza, já que quanto mais complexa uma organização, mais tolera a desordem. Mas o poeta também alenta a humanidade dizendo “nem tudo está perdido”. Ele oferece sua criação *Amazonas, Pátria da Água* às pessoas que são suas “companheiras de vida e de esperança”, essas pessoas que são solidárias no melhoramento do mundo. Elas, que como o poeta diz no prefácio, são “gente vigilante, aqui e pelo mundo afora, enfrentando os inimigos

da floresta”. Estas pessoas são para ele: “A esperança e salvação da selva amazônica. Essas, sim, amam a natureza, amam a vida. Elas ouvem os cânticos verdes da terra, sabem a linguagem dos pássaros, entendem os recados que chegam nas asas orvalhadas do vento” (MELLO, 2002, p.14).

O sociólogo Edgar Morin, do mesmo modo que Thiago de Mello, faz um chamado à verdadeira solidariedade. Morin (2011) explica que o incremento da complexidade no mundo é saudável sempre que seja guiado por uma verdadeira solidariedade:

No máximo, uma organização que só tivesse liberdades, e muito pouca ordem, se desintegraria a menos que houvesse em complemento a esta liberdade uma solidariedade profunda entre seus membros (...). Isto nos oferece um mundo de reflexões... Assim, a atomização de nossa sociedade requer novas solidariedades espontaneamente constituídas e não apenas impostas pela lei. (MORIN, 2011, p.93).

No capítulo “A Lição do Rio” Thiago de Mello faz um convite a viver em harmonia, solidariedade e ter a mudança de consciência radical na complexidade seguindo o exemplo do rio:

Ser capaz, como um rio
que leva sozinho
a canoa que se cansa
de servir de caminho
para a esperança.
E de lavar do límpido
a mágoa da mancha,
como o rio que leva, e lava.

Crescer para entregar
na distância calada
um poder de canção,
como o rio que decifra
o segredo do chão.

Se tempo é de descer,
reter o dom da força
sem deixar de seguir.
E até mesmo sumir
para, subterrâneo,
aprender a voltar
e cumprir, no seu curso,
o ofício de amar

Como o rio, aceitar
essas súbitas ondas
feitas de águas impuras
que afloram a escondida
verdade das fonduras.

Como um rio, que nasce
de outros, saber seguir
junto com outros sendo
e noutros se prolongando
e construir o encontro
com as águas grandes
do oceano sem fim.
Mudar em movimento,

mas sem deixar de ser
o mesmo ser que muda.
Como um rio. (MELLO, 2002, p.25).

Portanto, na obra *Amazonas, Pátria da Água*, exemplifica-se o que Morin propôs como “hiper-poesia”. E a “hiper-poesia” de Thiago de Mello, por vezes, foge ao verso. Há reflexões que precisam ser gritadas e não caberiam nos limites de versos. Sobretudo tendo em conta a abordagem complexa da natureza feita pelo poeta, na qual se misturam “euforia”, protesto e denúncia. Essa complexidade do tema natureza que estudamos em Thiago de Mello em consonância com o ponto de vista da ciência, na perspectiva de Djalma Batista, torna-se uma renovação da pesquisa literária no intuito de trazer o pesquisador como parte integrante do ambiente, consciente do seu papel no meio. A complexidade passa a ser entendida como um movimento capaz de trazer para a literatura um pensamento não truncado ou dividido, mas sim, articulado entre os vários espaços para compreender o fazer poético.

5 Considerações finais

A proposta deste projeto, baseado no tripé: prosa poética, saberes transdisciplinares e complexidade, foi trazer a reflexão da natureza amazônica considerando a função da literatura como produtora, gestora e agente de conhecimento, humanização e denúncia.

Após a análise dos trechos da obra *Amazonas, Pátria da Água*, conclui-se que o escritor amazonense Thiago de Mello, tendo em conta a complexidade que envolve o tema da natureza na sua obra, apresenta uma organização do conhecimento que reconhece a complexidade da realidade como propõe Morin. O poeta revela no seu livro aspectos da beleza e da magia natural, utilizando desde paisagens exuberantes da floresta, aos mais ínfimos pormenores do rio, dos animais, das plantas, infinidades de cores, cheiros, além dos mitos, lendas, crenças populares, os costumes dos habitantes da floresta, as marcas da tradição oral dos ribeirinhos, os aportes científicos do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas do Amazonas) e sua própria experiência de vida contemplando sua infância, sua família, seus amigos e seu ser cotidiano. O autor amazonense usa todos estes componentes da natureza como objeto de sua escrita, e faz de seus poemas um manifesto de humanização, da necessidade de abrir os olhos, de agir, de tomar atitude contra a destruição causada pela própria humanidade.

A crise da relação exploração x preservação no Amazonas assume, a partir dos olhares do poeta Thiago de Mello e o cientista Djalma Batista, como proposição, a reflexão sobre a racionalidade do mundo contemporâneo. A questão ambiental e social no Amazonas necessita

de mudanças e é imprescindível a criação de novos paradigmas para a compreensão global, novas estratégias transdisciplinares que incluam a literatura, devido a seu forte poder humanizador. É imprescindível uma revitalização no envolvimento e comprometimento da sociedade para com a natureza e por isso é indispensável o que Morin chama de reforma do pensamento.

O referencial teórico e o método utilizado nesta pesquisa representa uma nova perspectiva para a investigação em literatura. O paradigma da complexidade, a literatura enquanto “hiper-poesia”, das leituras de Edgar Morin, e a função humanizadora da literatura, de Antonio Candido, que aqui se destacaram, apresentam-se como proposta para futuros trabalhos em literatura. Isto para destacar a importância da pesquisa transdisciplinar, que traz consigo imprevisibilidade, incerteza, acaso, mudanças, assim como a formação de processos globais e integradores envolvendo a totalidade do sistema pesquisado.

Referências

- ADORNO, Theodor. Teoria estética. Lisboa: Martins Pontes, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- BARROS, Marcus. [Posfácio]. In: BATISTA, Djalma. O Complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento. Manaus: EDUA, INPA e VALER, 2007.
- CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- BACHELARD. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BATISTA, Djalma. O Complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento. Manaus: EDUA, INPA e Valer, 2007.
- MELLO, Thiago de. Amazonas, Pátria da Água. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MORIN, Edgar. Amor, Poesia, Sabedoria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. Introdução ao Pensamento Complexo. Tradução Eliane Lisboa. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- _____. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. Tradução Catarina Eleonor F. da Silva e Jeanne Sawaya. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. Rumo ao abismo?: Ensaio Sobre o Destino da Humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011a.
- REMAK, Henry H. Comparative Literature – Its Definition. In: CARVALHAL, Tânia Franco. Introdução à Literatura Comparada. São Paulo: Ática, 2004, 169 p. Disponível em: <<http://www.oziris.pro.br/enviados/20121129142618.pdf>> Acesso em: 06 jun. 2013.
- TELLES, Tenório. [Orelha do livro]. In: BATISTA, Djalma. O Complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento. Manaus: EDUA, INPA e VALER, 2007.

Cronograma

No.	Descrição	Ago. /12	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan /13	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.
1	Leitura, fichamento e análise das passagens mais significativas do livro <i>Amazonas, Pátria da Água</i>	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R		
3	Estudo da bibliografia da fundamentação teórica			R	R	R	R	R	R	R	R	R	
4	Apresentação oral do projeto					R							
5	Elaboração do Relatório Parcial				R	R	R						
6	Leitura, fichamento e análise dos trechos mais significativos do livro <i>O Complexo da Amazônia</i>						R	R	R	R	R	R	
7	Aproximação literária das obras: <i>O Complexo da Amazônia</i> e <i>Amazonas, Pátria da Água</i> , junto com a teoria da complexidade de Edgar Morin								R	R	R	R	
8	Elaboração do Relatório Final								R	R	R	R	
9	Apresentação Final para o Congresso												P

R: Realizado

P: Previsto